

**14096 - Estágio Interdisciplinar de Vivência da Zona da Mata/MG: identidades, aprendizagens e um pronome insurgente**

*Stage Interdisciplinary Vivência Zona da Mata / MG: identities, learning and a pronoun insurgent*

1 GOMES JUNIOR, José Antonio; 2 DA SILVA, Kim Sá

1 graduando em geografia na UFV, jose.a.junior@ufv.br 2 graduando em geografia na ufv, kim.silva@ufv.br

**Resumo:** Interdisciplinaridade e vivência não abreviam as teorizações radicadas pela ciência, todavia a influência mútua proporcionada pelo Estágio Interdisciplinar de Vivência da Zona da Mata de Minas Gerais (EIV-regional) estimula a luta e o amor ao espaço, ao outro e a um modo de perceber a natureza em suas múltiplas dimensões de construções do conhecimento, colocando um mundo simbólico que re-existe com seus sabores, amores, tessituras e percepções frente ao ataque sobre os territórios, e sobretudo a vida, tão esquecida nos últimos passos do século XX e início do XXI. Em contra partida o agronegócio, a revolução verde, as barragens e o desenvolvimento se engrandecem e se entrelaçam diante das identidades, do conhecimento e antes de tudo da natureza, como coloca Eduardo Galeano em nossas veias abertas. Este trabalho dialogará com relatos, e análises a partir da pesquisa-ação (MONCEAU, 2005) tendo também como metodologia os Círculos de Cultura (COELHO, 2006) envolvendo o XVI EIV Regional que ocorreu no ano de 2013 entre os dias 27 de abril e 13 de Maio em Viçosa com as vivências ocorrendo em: Tombos, Espera Feliz, Divino, Guidoal, Abre Campo, Visconde do Rio Branco, Viçosa e Goianá trabalhando com áreas de transição agroecológica, assentamento e acampamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), territórios atingidos por barragem com atuação do Movimento dos Atingidos por Barragem (MAB) e propriedades de agricultores familiares.

**Palavras-chave:** Educação Popular; Ecologia de Saberes; Identidade; Trabalho

**Abstract:** Interdisciplinarity and experience not shorten the theories rooted in science, the mutual influence provided by Stage Interdisciplinary of Vivência in Zona da Mata of Minas Gerais (EIV-regional) stimulates the fight and love the space, and the other a way of perceiving nature in their multiple dimensions of knowledge builds, putting a symbolic world that re-exist with their tastes, loves, perceptions tessitura and the attack on the territories, and especially the life, so overlooked in the last steps of the twentieth century and early twenty-first. In return agribusiness, green revolution, dams and development magnify themselves and intertwine on the identities, knowledge and above all nature, as Eduardo Galeano puts in our veins open. This work dialogical with reports and analyzes from the action research (Monceau, 2005) and also as a methodology Circles Culture (Coelho, 2006) involving the XVI Regional EIV that occurred in 2013 between 27th April and 13 May in Viçosa with vivências occurring: Tombos, Espera Feliz, Divino Guidoal, Abre Campo, Visconde do Rio Branco, Viçosa e Goianá and working with areas of agroecological transition, settlement and a camp of the Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), the territories affected by dam operations with the Movimento dos atingidos por barragem (MAB) and family farms.

**Keywords:** Popular Education; Ecology of Knowledge, Identity, Work

**Matutando nos varadouros de vidas e aprendizagens**

O atual momento do sistema colonial moderno conforma conflitos, sobretudo entre mundos simbólicos, permitindo para o capitalismo em sua face flexível uma nova (re)produção de relações perversas, redesenhando a geopolítica vivida. Bauman

entende esse momento como a transição entre “*sociedade da produção*” e a “*sociedade do consumo*”, mostrando uma instrumentalização da vida, que define novos desejos e pertencimentos.

O ritmo da “inovação” é arquitetado em torno da mercadoria e a natureza cada vez mais se encontra externalizada das relações socioespaciais, com a afirmação de fronteiras seletivas no metabolismo de reprodução da vida e do capital, são cavadas trincheiras entre as sociedades e os territórios. A identidade passa a vincular-se à capacidade de consumir, alocando uma severidade nas dinâmicas e nos fenômenos identitários. O sistema colonial moderno ataca epistemes e expõe o contexto onde a crise civilizatória e a crise do conhecimento constituem um enclave no cotidiano cultural.

A incorporação desigual e a naturalização dos territórios vem impondo uma “seleção” dentro do novo capitalismo. A precária inserção de modos de vida ao desenvolvimento explicita o limiar uma desordem entre o projeto de civilização e de conhecimento em curso. Temos a compartimentação como fator estruturante no mascarando sob uma lógica dogmática e linear (ESCOBAR, 2005) o conceito de natureza, de ciência e de técnica, propondo uma monotonia, que cada vez reifica o homem frente ao meio e suas múltiplas representações.

O lugar, como um encontro de histórias, poderia proporcionar um “resgate” na forma de apreender o espaço, coerente com sentidos coletivos, porém as referências instituídas a-históricas e metafísicas a partir do saber científico e por conseguinte incapazes de dialogar com o tangível, a natureza cada vez “nebulosa” se relaciona com o que Zizek (2003) entende como “o deserto do real” e a identidade se afasta do diálogo de saberes, refutando a aprendizagem em sua constituição. Uma nova orientação nas r-existências a esse modelo significa um novo debate que traga a complexidade individual e coletiva, uma vez que o conhecimento não se forma apenas nas “relações de validação com a realidade externa e em uma justificação intersubjetiva do saber” como já refletia Leff, o saber se forma nas múltiplas racionalidades e epistemologias, inscritas a partir da outredade com o real.

Fragmentação da vida em episódios e ausência de um horizonte socioespacial traz a tona a deriva e a insegurança que vivemos, a sociedade das capacitações reflete a estrutura oca e descartável que se forma dentro no sistema-mundo moderno-colonial (PORTO-GONÇALVES, 2008), a identidade como já dito, associada à capacidade de consumir acompanha a obsolescência dos símbolos e dos saberes diante de simulacros estabelecidos pelas doutrinas modernas, temos uma mudança na correlação de poder na microescala, onde tal dinâmica mostra a racionalidade que nos conduz, fazendo-se viva pela colonialidade de poderes e pelas constantes reinvenções artificiais na vida e nas expropriações.

Essa mudança elucida um posicionamento que incide na tríade Território – Trabalho – Sociedade, onde alianças e assimetrias compõem um laço sensível em relações fundadas na opressão no preconceito e na espoliação. Os territórios e os sujeitos que o instituem mostram a interação ativa entre subjetividade sendo fundamental problematizar a dimensão territorial na vida cotidiana, superando o distanciamento entre a racionalidade sensível e a racionalidade tecnocrata, proporcionando o conhecimento acerca da natureza, inscrito na autonomia e na face plural da vida.

A reestruturação produtiva e monocultural circunscreve o cotidiano, não somente no labor mas também nas mentes, no entanto a autonomia ainda persiste frente a globalização. A arte como realidade ontológica da vida constrói possibilidades libertadoras de relação com a natureza e com a emancipação, presentes na agroecologia, na educação popular e na economia popular solidária, temas que o Estágio Interdisciplinar de Vivência da Zona da Mata/MG (EIV-regional) envolve em sua práxis, não se omitindo como sujeito na construção dos saberes. As ritualizações ressignificam culturas e hábitos subalternizados, pautando com os agricultores e agricultoras familiares a tríade Território – Trabalho – Sociedade como relação fundante. O EIV-regional busca como princípios a transdisciplinaridade, a não intervenção, o protagonismo estudantil e as parcerias, permitindo pensarmos uma síncope no processo de construção do conhecimento científico mercantil, visto que os saberes constituem a dimensão medular das relações sociais, trabalhando materialidade e imaterialidade em diferentes percepções, como dialoga Lander (2008):

“Historicamente, foi ampla a gama de questionamentos sobre as pretensões da ciência de ser a forma superior de conhecimento humano [...] Foi assinalada sua cumplicidade básica no processo histórico de imposição colonial-imperial do modelo de estar na natureza da experiência cultural do Ocidente ao resto dos povos do planeta, como um modelo de conhecimento que ao recusar a validade dos outros saberes, de todos os outros, nega o direito as suas próprias opções culturais, modos de vida e, com frequência, à própria vida”  
(Lander, 2008, p.41)

Mesmo tendo a segmentação e a individualidade como referências, as metamorfoses que o capital e seu metabolismo sofrem apresentam fissuras na superestrutura, o resgate e a visibilidade de outras relações com a natureza apontam para um novo sentido nas reinvenções do dia-a-dia. A vivência, principal ação do estágio, coloca-nos em um diálogo de conhecimentos e histórias, as contradições manifestam-se na simplicidade e essa dialética é impulso para uma nova relação epistemológica, uma (re)nomeação da esfera simbólica e também do ser social, incluindo uma articulação que envolva (LEFF, 2009) complexidade e ambiente como saberes da natureza, inerentes as identidades e ao ser, a respeito do real e dos saberes subalternizados por uma episteme cada vez mais totalitária. Natureza é objetividade e subjetividade, imperfeição em ser e imperfeição de saber, que não associa o conhecimento a lógica do capital e não valora perversidade, acolhendo múltiplas racionalidades culturais e estruturando diferentes mundos e diferentes vidas.

### **EIV-regional: ressignificações e percepções do inacabamento**

O EIV-regional trabalha em seu processo de construção e execução com instituições e sujeitos que buscam através de diferentes matrizes uma percepção e uma construção do real. Nesse sentido os ajustes não são imunes a distanciamentos e embates uma vez que envolve grupos de agroecologia, movimentos sociais, organizações não governamentais, sindicatos de trabalhadores rurais e departamentos e projetos da Universidade Federal de Viçosa, explicitando a disputa que envolve a ciência mercantil e o conhecimento popular, um confronto

político-pedagógico e também cultural frente ao projeto de ciência que se amplia nos debates e nas alianças estabelecidas.

Técnica e temporalidade encontram na vivência uma mediação, se contrapondo a capacitação e a inovação do capitalismo, a pedagogia da emancipação que o EIV busca traz a provisoriedade como um dos componentes do conhecimento humano, mesmo existindo um aparelho jurídico-político que abrange a ciência e sua projeção legitimadora e desinteressada. O debate em relação à universidade e ao trabalho são ativos, visto que ambos encontram-se cada dia mais vinculados a financiamentos de corporações altamente capitalizadas, associando o conceito de cooperação a relações que exemplificam a intensa financeirização do conhecimento científico, atribuindo a uma relação fundada na espoliação e na subalternização. Tal filosofia política em curso vem produzindo o que Lander considera a comercialização das universidades.

Essa parallaxe edificada sobre o conhecimento provoca questionamentos diante dos postulados da matriz iluminista e positivista que impera de forma “universalizante” na academia em sua cultura e ideologia, adequando um trabalho cada vez mais ilegível as reinvenções institucionais no eixo de acumulação do capital. A ciência mercantil sustenta-se em dicotomias ilusórias - alma e corpo, natureza e cultura, tempo e espaço, sujeito e objeto, ética e estética, etc. – no entanto compreender o ser social pressupõe compreender os complexos que o constituem e sua totalidade, Lukács traz essa reflexão:

“O ser humano pertence ao mesmo tempo (e de maneira difícil de separar, mesmo no pensamento) à sociedade e à natureza.[...] O homem nunca é, de um lado, essência humana, social, e, de outro, pertencente à natureza; sua humanização, sua sociabilização, não significa uma clivagem de seu ser em espírito (alma) e corpo”  
(Lukács, 2010, p.41-42)

A superação do pensamento que separa natureza e cultura é um dos principais pontos que o EIV avança na direção que reconheça a autonomia na interdependência, assim a presença é um elemento central nos saberes, vemos isso na consciência corporal e artística e também nos temas envolvidos na sua concepção político-pedagógica (colonialidade, reforma agrária, raízes culturais, agroecologia, questão energética, gênero, educação popular, economia solidária, opressões, etc.).

A relação entre o que o ser expressa e a tomada de consciência do ser possibilita uma aproximação entre ideologia, trabalho e conhecimento, enquanto percepção das contradições, apontando a práxis com os agricultores e agricultoras e o habitual que o estagiário/estagiária vive, tal interdependência é um embasamento sólido para uma efetiva cooperação que supere o des-envolvimento moderno.

O estágio possibilita uma reflexão sobre a realidade agrária na Zona da Mata de Minas Gerais, onde a revolução verde se relaciona de modo profícuo com a agricultura familiar, principalmente no controle e na precarização territorial, buscando superar duas grandes impressões construídas entorno do campo: a de um lugar puro, bucólico e bom que deve ser mantido em um invólucro e preservado, e a

construção do campo como o lugar, estático sendo um enclave para o desenvolvimento extensivo. Nesse sentido a aproximação com o MST, com o MAB e com os Sindicados dos Trabalhadores Rurais passa a colocar em questão os projetos da revolução verde e a estrutura socioterritorial e cultural construída na Zona da Mata mineira, a articulação desses movimentos com a teologia da libertação e com as comunidades eclesiais de base (CEB's) durante a década de 70 e 80, com a educação popular a partir das Escolas Famílias Agrícola (EFA's) e escolinhas sindicais e de outras formas de trabalho e cooperação com associações e cooperativas de produção e de consumo mostram a contradição em curso na sutileza diária, pois a sociedade capitalista traz a expressão coletiva no sentido individualista, instituindo uma nova razão para a existência humana, o desenvolvimento desigual e combinado. A agroecologia dimensiona a relação com a terra, com o trabalho e com o conhecimento a partir de outras lentes e passa a constituir o dia-a-dia dos sujeitos do EIV, a lavoura reflete a abundância no trabalho e na economia, sendo a diversidade uma reinvenção permanente.

Trabalho e território visibilizam conhecimentos e práticas, essa convivência de temporalidades e epistemes é importante junto aos princípios do EIV-regional. As parcerias proporcionam uma articulação e um intercâmbio que azeita (in) tensões e limites debatidos durante o estágio, o “nós” como apresenta Sennett (2011) se torna um pronome insurgente e perigoso no modo de reconhecer o conhecimento, onde a partir da outredade formam-se possibilidades da reinvenção.

“A ligação social nasce, da forma mais elementar, do senso de mútua dependência. Todos os jargões da nova ordem tratam a dependência como uma condição vergonhosa[...] Mas a vergonha da dependência tem uma consequência prática. Corrói a confiança e o compromisso mútuos, e a essência desses laços ameaça o funcionamento de qualquer empreendimento coletivo”  
(Sennett, 2011, p. 166 – 169)

Conhecimento e trabalho se entrelaçam no transcurso do estágio revelando a importância dos princípios de não intervenção e de protagonismo estudantil dentro da disputa epistemológica que o EIV compõe, questionando a condição mercantil da ciência e a precarização no mundo do trabalho. As subalternizações indagadas elucidam a interpretação moderno-colonial da história e das geografias vividas, que renuncia o saber inscrito nas sociedades, há no EIV uma retomada do trabalho como princípio educativo, a essência passa a fazer parte da história e o fazer cotidiano altera ou reproduz a mesma, constituindo uma síntese entre essência e fenômeno.

“O trabalho é a unidade entre o pôr efetivo de uma dada objetividade e a atividade ideal prévia diretamente regida e mediada por uma finalidade específica. A natureza que tem na casualidade o princípio geral de seu movimento passa a ser mediada pela consciência.”  
(Lukács, 2012 p. 24)

Na relação do EIV-Regional com os princípios a mediação e a tomada de consciência mostram a união no pensamento, reconhecendo a multiplicidade de

identidades e espaços, superando a externalização do indivíduo em relação ao território, essa condição expõe a consciência do homem enquanto natureza inacabada, processual, em constante (re)significação. Os princípios que o EIV traz proporcionam uma ruptura no pensar o posicionamento das forças produtivas como lugar hegemônico da lógica do capital, o desenvolvimento da sociedade conforma ciências particulares atendendo suas finalidades. Tais finalidades em debate justificam um controle sociomoral em disputa, romper com monocultura das mentes é repensar a dimensão sociopolítica espacial onde a práxis não é apenas uma “forma fenomênica” subordinada a um domínio empírico, dissociado das reflexões teóricas.

### **Conclusões ou dimensões do inacabado?**

Ideologia e identidade constroem conhecimentos junto à consciência, a partir do acontecimento cotidiano e de suas ritualizações, nesse sentido temos um novo pensar de práticas e vivências durante o EIV-regional, uma vez que confrontam-se não somente epistemes e identidades mas também memórias e verdades, materializando um limite fluido, cheio de transições no binômio espaço-tempo. Essa dinâmica demonstra a influência da conformação social, política, econômica e cultural na diversidade e nos saberes, onde o trabalho e a identidade traçam a escala coletiva durante o EIV-regional. A partir de metodologias que estimam o ser na ação direta, como os Círculos de Culturas e a própria vivência, compreende-se que a crise ambiental e do trabalho refletem uma crise da razão, do pensamento, explicitando a epistemologia política em disputa.

O conhecimento e o diálogo são socializados com um encontro que dá sentido a percepções coletivas do ser social no mosaico espacial. Essa construção de sentidos compartilhados é um pilar no EIV-regional, relacionando símbolos culturais complexos e diversos, constituindo um contraponto na verticalidade da ciência mercantil. A tomada de consciência na vivência é um dar lugar ao não saber, como trabalha Leff, e também uma esperança em torno do outro, onde a vida não pode tornar-se consciente, sem uma referência ao ser e as múltiplas expressões culturais e territoriais.

Além de buscar outras possibilidades que estejam inscritas em um dia-a-dia que traz consigo sentidos e experiências, a relação entre o real e o simbólico retoma a perspectiva da realidade em transformação, uma vez que a ciência acomodada na maneira atual é reduzida ao mundo do capital e seus horizontes possíveis, onde conhecimentos presentes nas oralidades, nos roçados, nas plantas medicinais são julgados como anacrônicos evidenciando uma intensa colonialidade na ilusória legitimidade científica moderna, qualificando toda indagação sobre o ser como obsoleta, essa conformação demonstra a posição irracional que a academia adota, esse cenário intensifica-se a partir da segunda metade do século XX.

O EIV-regional coloca-se tanto em seu delineamento metodológico e ideológico quanto em seu processo de construção e realização, como um momento onde a possibilidade de cooperação e de pensar a arte na vida em seus múltiplos elementos é valorada sobre uma perspectiva descolonizante, sendo uma expressão político-pedagógica que busca a emancipação fora da centralidade do mundo moderno-colonial, (re)fazendo técnicas e transformando procedimentos e conhecimentos. Mesmo incorporado e assumindo diferentes faces no novo capitalismo o trabalho como categoria fundante é crucial nas relações estabelecidas

pelo EIV-regional dentro não somente da agricultura e do território, mas também da ontologia do conhecimento na sociedade em consciência de transformação.

### **Referências bibliográficas**

BAUMAN, Zygmunt. Diálogos com Zygmunt Bauman, Fronteiras do pensamento. 25 de julho de 2011, CPFL cultura

COELHO, Edgar Pereira, et al. Aspectos históricos culturais a partir do desenvolvimento do *Círculo de Cultura* de Paulo Freire: uma metodologia de pesquisa?

ESCOBAR, Arturo. La invención del tercer mundo: construccions y desconstruccion del desarrollo. 1ra. edición. Fundación Editorial, 2005

GALEANO, Eduardo. As veias abertas da América Latina.

LANDER, Edgardo. A ciência neoliberal. In: Ceceña, Ana Ester (org). Os desafios das emancipações em um contexto militarizado. 1 ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2008.

LEFF, Enrique. Complexidade, racionalidade ambiental e diálogo de Saberes. (In) Educação e Realidade, p. 17-24, 2009

LUKÁCS, György. Prolegômenos para uma ontologia dos ser social: questões de princípios para um ontologia hoje tornada possível. – São Paulo: Boitempo, 2010

MONCEAU, Gilles. Transformar as práticas para conhece-las: pesquisa-ação e profissionalização docente In: Educação e Pesquisa, v.31, n.3, p. 467-482, 2005

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A reinvenção dos territórios: a experiência latino-americana e caribenha. In: Ceceña, Ana Ester (org). Os desafios das emancipações em um contexto militarizado. 1 ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2008

SENNETT, Richard. A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. ed. Record. São Paulo, 2012

ZIZEK. Slavoj. Bem-vindo ao deserto do real. 1ªed. – São Paulo: Boitempo, 2003